

SEGREDOS

com

BOURBON



TOP
SEL
LER

VICTORIA WILDER

Dedicado à descoberta de que te é permitido apaixonares-te tantas vezes quantas te for possível durante a vida. Quer seja por um novo amor ou por um velho amigo. Mesmo que seja pela mesma pessoa, mas por novas versões um do outro à medida que crescem. Apaixona-te, porra. Fá-lo em voz alta. Fá-lo ao teu próprio ritmo. Apressa-te. Vai com calma. Desfruta de um desejo instantâneo, de uma paixão lenta ou de um «feliz por agora». Recomeça. Volta a apaixonar-te. E se estiveres a desejar algo mais...

O Lincoln Foxx tem algumas sugestões criativas para a tua descoberta. Podem incluir um pouco de bourbon...

Nota sobre o livro

Embora esta história seja uma obra de ficção, existem alguns temas pesados dos quais debes ter conhecimento antes de mergulhares na leitura.

A lista que se segue contém potenciais gatilhos que não devem ser interpretados como *spoilers* ou clichés, mas antes como um aviso sobre o conteúdo, caso precises: violência e morte explícitas, cenas sangrentas descritivas, violência contra mulheres, menção à morte de pais e familiares, cenas passadas num hospital, menção a morte e crueldade contra animais (não descritas detalhadamente), personagens principais a lidar com stress pós-traumático, linguagem vulgar, *spit-play* e diversas cenas descritivas de sexo explícito.

As Regras do Bourbon

Todo o bourbon é whisky, mas nem todo o whisky é bourbon. Existe um conjunto de regras a observar para que o bourbon possa ter esse nome.

1. Deve ser produzido nos Estados Unidos.
2. A mistura deve conter pelo menos 51 por cento de milho.
3. Deve ser envelhecido durante pelo menos dois anos num barril de carvalho novo chamuscado.
4. O whisky não pode entrar no barril com um teor alcoólico superior a 62,5 por cento.
5. Nada lhe pode ser adicionado além de água, e apenas para diminuir o teor alcoólico quando necessário.

Em Fiasco, no Kentucky, existe mais uma regra que se relaciona com o bourbon ali produzido, ainda que apenas vagamente: **Nunca se apaixone por um dos irmãos Foxx.**

1

L INCOLN

Tinha percebido tudo mal.

Travo a fundo com tanta força que a lama salta e banha a lateral do carro desportivo roxo-vivo da minha melhor amiga. Ponho a carinha em ponto-morto e encosto-me ao banco, ainda a espumar de raiva. Sinto uma dor a irradiar pela mão e pelo antebraço à quinta ou sexta vez que bato com a palma da mão contra o volante.

— Foda-se, foda-se, foda-se!

Inspiro pelo nariz, enchendo o peito, e sustenho a respiração durante três segundos. A adrenalina corre-me nas veias com a necessidade de me ir embora para o mais longe possível. Desligo-me do mundo, olhando para a paisagem plana e para os cercados salpicados de cavalos que correm sob a última luz do dia. Os Fleetwood Mac continuam a ecoar as mesmas palavras, uma e outra vez, sobre ouvir o vento e não amar alguém agora. *Que puta de ironia.* Quando fecho o punho, o ardor nos nós dos dedos esfolados e ensanguentados faz-me estremecer. Dói-me o cotovelo, provavelmente pisado das sucessivas pancadas.

Ela ergueu o queixo e, de olhos marejados, desferiu o golpe final. «Isto está acabado. Nós estamos acabados, Lincoln», disse entre dentes.

Antes que ela pudesse dizer mais uma palavra, saí disparado pela porta lateral. Só conseguia pensar que, agora, eu estava exatamente assim. Acabado. Nunca me tinha sentido tão destruído e tão acabado. O meu punho

atingiu a lateral da carrinha com um estrondo pesado. Ao segundo soco, deixei uma mozza. Ao terceiro, os meus nós dos dedos ardiam, e logo a seguir dei-lhe com o cotovelo como se fosse um saco de boxe, em vez de metal. As miúdas já estavam a dormir lá dentro, no andar de cima, graças a Deus.

Eu não tinha um plano. Não estava preparado para isto.

— Foda-se!

Desligo a carrinha e bato com a porta atrás de mim, ignorando a mozza no painel lateral. Não estou a saber lidar com emoções neste momento. Não posso voltar atrás.

O cheiro pungente das baias dos cavalos a serem limpas impregna o ar. Misturado com a humidade densa de hoje, sobrepõe-se à doçura habitual de um verão em Fiasco. A esta hora da noite, as únicas pessoas que ainda estão no hipódromo e nos estábulos são treinadores e proprietários. Procuro com o olhar os caracóis escuros apanhados no topo da cabeça e, como seria de esperar, vejo as mãos da minha melhor amiga a moverem-se entusiasticamente enquanto conta uma história ao fundo das cavalariças.

— Hads — chamo.

Ela vira-se num ápice e cumprimenta-me com o seu habitual sorriso acolhedor.

— Linc, o que é que estás aqui a fazer?

Mas o seu sorriso desvanece-se rapidamente à medida que me aproximo. Ela lê-me melhor do que a maioria das pessoas. Até melhor do que a Olivia, às vezes. O seu olhar recai sobre os meus punhos cerrados ao lado do corpo. Pigarreio.

— Preciso de um minuto.

Ela não faz nenhuma pergunta de seguida. Limita-se a observar-me enquanto o digo, avaliando perguntas internas e tentando perceber o que se passa. «Preciso de um minuto» funciona como um código. Algumas palavras simples que dizem ao outro que algo não está bem e que precisamos de um lugar para pôr as ideias em ordem. Amizade, para nós, significava fazer o outro rir quando nada tinha graça, celebrar os pequenos momentos e saber quando o outro precisava mais de espaço do que de palavras de sabedoria.

A Hadley pode ter começado por ser amiga da Olivia, mas, por alguma razão, eu e ela acabámos por nos tornar mais próximos. Ela andava pela nossa casa desde a escola básica, como a irmã há muito perdida que ninguém queria. Por isso, era isso que era agora: a minha melhor amiga que mais parecia uma irmã.

— A *Lady Brittany Christina Pink* ainda está selada. Podes levá-la.
— Ela faz sinal com a cabeça para a baia atrás de mim, onde está um dos seus cavalos mais recentes.

A crina e a cauda num castanho mais claro fazem dela um animal muito bonito.

— Não vou chamar isso a um cavalo — digo-lhe, enquanto admiro a égua escura por momentos. Ela vai correr depressa, o que é perfeito. Preciso de algo que não seja bourbon ou pancadaria.

A Hadley mostra-me o dedo do meio.

— Ela é a cartada perfeita. Vai ser uma vencedora da Triple Crown. Consigo senti-lo. — Espeta o dedo indicador no meu peito com um toque. — Vais chamá-la pelo nome que a Deusa lhe deu.

Esboço um sorriso.

— És ridícula, sabias?

— E, no entanto, aqui estás tu, a tratar-me por *bestie* e a pedir a minha ajuda.

Puxo a sela da égua.

— Eu não te chamo isso.

Revirando os olhos, ela descarta o comentário com um gesto.

— Isso não faz com que seja menos verdade. — Verifica as cilhas e passa as mãos pelo pescoço do animal. — Ela é rápida. — Aperta-me o antebraço. — Cavalga com juízo. Deixa-me ir buscar-te um saco.

— Obrigado — digo, passando as mãos pelo cabelo. Olho para trás, na direção dos tipos com quem ela estava a falar. — Hads, estás bem aqui com estes gajos?

De cabeça inclinada, ela lança um olhar por cima do ombro.

— Oh, por favor, eles têm mais medo de mim do que do meu pai. Portanto, sim, estou bem. — Esboço um sorriso reconfortante.

— Toma. — Atira-me a sua mochila amarela. — Precisas de uma desculpa? Ou eu não te vi?

Ponho a mochila ao ombro e aproximo-me da *Lady*.

— Nunca me viste.

Ela agarra-me novamente no antebraço, mas desta vez puxa-me para um abraço. Depois de me dar um bom aperto, solta-me e os seus olhos encontram os meus.

— Será que quero saber?

Dou um rápido abanão de cabeça e instalo-me no cavalo sem dizer mais nada. Ela não quer ficar a saber disto. A verdade é que eu também não. É segredo. Mais um. E, no fim de contas, parece que a culpa é minha.

Enquanto o vento quente me açoita o rosto, reparo que o sol está a descer, acabando por tocar a linha do horizonte no final de um dia de merda. Continuo a cavalgar sem parar. Os últimos raios de sol percorrem a paisagem plana e relvada do Kentucky. Normalmente não há muita relva nesta parte do estado, mas, nos próximos três quilómetros, ela é alta e densa, roçando as minhas botas apoiadas nos estribos. A humidade baixou o suficiente enquanto cavalgo, transformando o que era uma tarde pegajosa no tipo de noite em que consigo, por fim, respirar.

Podia perfeitamente ter ido a casa do meu irmão e levado um dos cavalos das cavaliças, já que a minha família possui e acolhe bastantes. Mas aí teria de explicar o que estava ali a fazer. O Grant teria perguntado se eu estava bem, mesmo quando ele próprio mal consegue sobreviver. O meu irmão mais novo é uma sombra do que era. O Ace ter-me-ia falado de algo que precisava de ser resolvido; desempenha tão bem o papel de irmão mais velho que, por vezes, até se esquece de como ser um amigo. E o Griz teria visto através da máscara que eu teria de usar. O meu avô percebe tudo, como se tivesse a capacidade de prever o futuro. Não quero lidar com nada disso. Não até eu próprio resolver isto.

Há vários trilhos de caminhada e de cavalos que levam às grutas e às termas de Fiasco e, ao pôr do sol, haverá muita gente a aproveitá-los,

por isso continuo a cavalgar. Já estive em lutas suficientes na vida para saber que um soco ou um pontapé certo no estômago não é o que dói mais, mas é o que tira mais o ar dos pulmões e o que relembra a pessoa de que nunca mais vai querer estar nessa posição. *Como é que eu acabei nesta posição, afinal?* Com o peito apertado, agarro as rédeas com mais força e enterro os calcanhares para avançar mais depressa.

O ar aqui em cima, perto das grutas da cascata, tem um cheiro diferente. Enquanto Fiasco carrega o aroma de uma pastelaria infundável, aqui em cima cheira mais a sal e a musgo. Algo mais terroso, que faz as coisas parecerem cruas e intocadas.

Faço a égua parar, salto para o chão e prendo-a ao velho carvalho que parece já ter conhecido dias melhores. Com uma casca áspera, moldada e retorcida de uma forma que não parece natural, tem um aspeto carbonizado, como se tivesse sido atingido por um raio e nunca mais tivesse recuperado. É assim que me sinto: *nunca mais serei o mesmo*. A única coisa sobre a qual tenho controlo é o que farei a seguir. Inclino a cabeça para trás e inspiro profundamente, sentindo o rabo bater na erva alta da margem ao expirar. Liberto o resto do ar com uma tosse e apoio os braços sobre os joelhos dobrados.

As pessoas dizem sempre que o casamento dá trabalho, que é tão difícil ficar como é sair. E eu nunca fui de desistir.

Sinto-me agoniado. Tenho as mãos húmidas enquanto esfrego o peito com o punho fechado e bato uma, duas, três vezes, antes de os meus olhos se encherem de lágrimas. Não tenho sido um bom marido. Sei que sou um bom pai, um excelente pai nalguns dias. Mas marido... Fecho os olhos com força. Passo as mãos pelo cabelo e mantenho os dedos cravados no pescoço. Dou outra inspiração profunda, enterrando a base das palmas das mãos nos olhos.

— FOOOODA-SEEEEE! — grito para o ar da noite, de modo tão sonoro e demorado quanto o meu fôlego me permite.

Que se lixe. Deixo as lágrimas caírem. Olhando para os aglomerados de luzes que formam a minha pequena cidade lá em baixo, esforço-me por estabilizar a respiração. É o único lugar que alguma

vez conheci como lar. Onde cresci e onde as minhas filhas também estão a crescer. Ao contemplar a planície, dos campos de alfazema até à destilaria da minha família, aguardo. Espero até que o meu corpo relaxe da raiva, que as lágrimas sequem por si mesmas e que a minha mente fique mais clara. Clara o suficiente para traçar um plano para o que vem a seguir: as conversas que terão de acontecer, os pequenos corações que terei de quebrar. Parecem minutos, mas a lua cheia já paira baixa no horizonte e banha o céu com um tom rosado. É o único indício de que estou aqui há horas. No panorama geral, não é preciso muito para perceber que a vida que levava será diferente amanhã.

Antes de voltar para o cavalo, envio uma mensagem.

LINCOLN: Levo a *Lady* para os estábulos pela manhã.

HADLEY: A *Lady Brittany Christina Pink* é uma égua puro-sangue.

Se lhe acontece alguma coisa, dou-te um chuto nos tomates.

Suspirando, passo as mãos pela crina áspera da *Lady*.

— Como é que vim parar aqui, miúda? — O bufar que ela solta é provavelmente a sua maneira de dizer «Sei lá».

O som estático das quedas-d'água ao longe, juntamente com o coaxar profundo das rãs-touro e o som intermitente dos grilos, é a minha banda sonora. É a parte de Fiasco que me acalma mais do que qualquer noite em família ou horas num laboratório de química alguma vez acalmaram. É a única coisa que as pessoas nunca imaginam sobre mim. Adoro estar aqui. Não tenho vontade nenhuma de estar em mais lado nenhum.

A única altura em que se encontra Fiasco em polvorosa a estas horas é quando há algum festival ou festa que prometa bourbon e fogo de artifício. Mas hoje a noite está tranquila, como acontece quase sempre. O mais provável é que não me cruzasse com ninguém na estrada principal para a minha casa, mas decido evitar o centro, cortando caminho a cavalo pelo bosque e pelos milheirais que abraçam toda a extensão da minha propriedade. Ao longe, consigo ver a luz exterior a iluminar o meu alpendre traseiro. E, à medida que cavalgo

para mais perto, já sei que tudo isto vai deixar de parecer um lar assim que atravessar a porta.

Um ruído metálico faz-me virar a cabeça para a esquerda num ápice. Não há razão nenhuma para estar alguém aqui fora. O velho celeiro, que fica em cima da linha que separa a minha propriedade da dos vizinhos, está por um fio. Mais um tornado ou furacão e vem abaixo facilmente. Bolas, se calhar nem é preciso tanto. Do lado oposto da estrutura em ruínas fica o pequeno riacho onde a Lark gosta de procurar girinos. É o sítio mais isolado que se possa imaginar.

Semicerrando os olhos no escuro, puxo as rédeas da *Lady* para a abrandar e avisto movimento junto ao pequeno curso de água.

— Seu filho da puta! — O grito quebra o silêncio. Uma mulher que soa mais do que frustrada e bastante irritada. O «vai-te foder» que se segue, num tom mais baixo, vem carregado de veneno e faz-me morder o lábio para não sorrir.

Passo a perna por cima da sela e as minhas botas atingem o chão encharcado com um som de lama a chapinhar. Os palavrões e os salpicos de água que ela atira para os próprios braços fazem com que não me ouça aproximar.

O movimento cessa quando pigarreio.

— Está tudo bem por aí? — pergunto a poucos metros de distância.

Ela fica paralisada, de costas para mim, naquilo que devem ser pelo menos dez segundos de silêncio.

— Está a invadir propriedade privada — digo, enquanto me aproximo, tentando perceber por que razão estaria alguém aqui fora a esta hora da noite. Os meus olhos já se ajustaram à falta de luz, especialmente com o tamanho da lua de hoje. Mas só quando ela se levanta e se vira percebo que, afinal, não está a invadir nada.

Faye Calloway. A filha mais velha. A família dela é dona de tudo, da borda do milheiral até ao outro lado da casa da quinta. Eu é que sou o invasor.

— Tenho quase a certeza de que tu é que não devias estar aqui — responde ela, com uma agressividade tal que não deixa rasto de camaradagem entre vizinhos.

Há madeixas do seu cabelo loiro que escapam desalinhasdas do nó desfeito no topo da cabeça, e o rosto está manchado com algo escuro. Maquilhagem desbotada por ter estado a chorar? Ou lama? À medida que o meu olhar desce, reparo que tem os braços e a camisola de alças encharcados, e que escorre água pelas pernas abaixo. Não parece nada a licenciada da Academia de Polícia, toda aprumada, que vi nas notícias locais ainda na semana passada. Não há rasto dessa pessoa à minha frente. Esta versão esfrega as mãos na frente dos calções, estufa o peito e ergue o queixo. Está a tentar esconder o facto de que a apanhei desprevenida e, seja lá o que estiver a fazer, não inclui plateia.

Cruzo os braços sobre o peito, à espera de que ela diga alguma coisa. Mas ela mantém-se em silêncio e observa-me enquanto me aproximo.

— O que é que estás aqui a fazer a estas horas? — Tecnicamente, somos vizinhos, mas eu só vi a Faye esporadicamente pela cidade por altura das festividades, ou a chegar ou a sair durante o verão e as férias escolares. Mudámo-nos para aqui pouco depois de ela ter ido estudar. Não a conhecia. Mas isso não importa. Eu conheço pessoas. E algo parece errado. Como ela não responde, pergunto: — Estás ferida?

Pondo as mãos nas ancas, ela inclina a cabeça para trás e olha para o céu enquanto se ri para si mesma.

— Porquê? Tens por hábito andar por aí a vaguear à noite à procura de mulheres para salvar?

O seu tom de gozo faz-me conter um sorriso.

— Não estava na minha lista de tarefas para hoje, por isso, não. — Solto um suspiro ao deslizar o dedo pelo telemóvel, ligo a lanterna e aponto-a para ela. Fico um pouco surpreendido com o que vejo espalhado pelo seu corpo, mas não me abala como abalaria a maioria das pessoas. — Tens sangue e lama pelas pernas todas — digo de forma pragmática, enquanto subo o feixe de luz.

Ela contrai os lábios, tentando organizar as ideias para explicar exatamente o que se está a passar.

Movo a lanterna para cima e para baixo de forma sugestiva.

— Escapou-te um bocado de sangue no pescoço. — Toco na minha cara para lhe mostrar onde. — E na bochecha.

Ela levanta a mão para proteger os olhos da luz. Agacha-se de novo junto ao riacho e molha as mãos, esfregando as manchas vermelhas.

O meu irmão Grant foi polícia até há pouco tempo. Ele respeita as regras e quem as cria, mas eu gosto de as moldar quando é necessário. Às vezes, isso torna as coisas sujas e, outras vezes, sangrentas. Não me interessa julgar ninguém que possa fazer o mesmo, mas esta não é a pessoa que eu esperaria encontrar no escuro, metida em algo claramente suspeito.

Baixo a luz, mas mantenho o foco nela.

— Presumo que isto não faça parte do teu processo de entrevista para entrares na Polícia de Fiasco...

Ela mexe-se com um esgar de dor. Baixa o queixo, como se a observação doesse fisicamente. A questão é: estará em sarilhos? Ou será ela a causa deles, coberta de sangue e lama à beira de um milheiral?

— Vais perguntar como é que isto veio parar aqui? Ou vais ficar só aí a olhar para mim? — pergunta, mudando o peso do corpo e agarrando na bainha da camisola, com um sorriso cínico. Ergo uma sobancelha, em desafio. Ela vai tentar uma distração, mas não estou interessado em entrar no seu jogo.

Solto um riso seco antes de, estupidamente, dar um passo em frente. Com apenas um metro a separar-nos, os meus olhos descem pelas suas pernas até aos ténis *Converse* cor-de-rosa enlameados e sobem de novo. É difícil imaginá-la como polícia neste momento.

— Ná. Não quero saber — digo com indiferença. Olho para o corpo dela e depois encontro o seu olhar furioso. — E acredita, não estou a olhar.

Ela aproxima-se, e a proximidade faz-me arrepiar os braços. Apesar da forma como está a tentar, com todas as forças, endurecer a postura — ombros para trás, hirta e com um ar de falsa bravura —, morde o lábio, inquieta.

Pisco os olhos para afastar todos os pequenos detalhes que estou a notar numa mulher que mal conheço. Eu não olho para mulheres. Não sou o tipo de homem que quebra uma promessa. *Mas e se essa promessa já estivesse quebrada?* Recuo e levanto a mão esquerda, enquanto digo:

— Casado.

— Tens a certeza disso? — responde ela.

Um simples golpe baixo como esse é o suficiente para me fazer reagir. *Não, não tenho a certeza.* Dou apenas mais alguns passos até entrar no espaço dela, encurralando-a.

Um grito curto escapa-lhe da garganta, não esperando que eu me movesse tão depressa. Mas ela não recua. Aliás, inclina-se ligeiramente para a frente, como se desse as boas-vindas à minha raiva. É mais baixa do que eu, mas não é franzina nem frágil. Teria força no soco se soubesse como o dar corretamente.

Mas, ao olhar para baixo, percebo o meu erro imediatamente. Quase frente a frente, o seu braço roça no meu enquanto ela pigarreia. Não devia ter-me aproximado tanto. Há luz suficiente para me focar no pequeno sinal que ela tem na maçã do rosto. E para reparar na forma como os seus olhos saltam entre os meus e depois descem para a minha boca. *Raios partam.* A raiva e as emoções caóticas fazem-me olhar para alguém que nunca planeei ver.

— Toquei-te numa ferida com essa? — provoca ela, em voz baixa. *Perto demais.*

— Não abuses — aviso. Esta não é noite para me espicaçarem.
— Vai para casa.

Seja lá no que for que ela se meteu, não preciso disso por perto. Tenho de sair daqui. Para longe dela e desta merda de situação.

Viro-lhe as costas, movendo-me em direção à égua.

— O teu bolso de trás — exclama ela.

Paro de imediato, virando-me no preciso momento em que ela despe a camisola de alças enlameada, ficando apenas com um su-tiã transparente que, mesmo num campo escuro, não deixa nada à imaginação. Sou apanhado desprevenido e, como um maldito

perverso, sinto que é impossível não percorrer com o olhar as curvas do seu corpo e o contorno dos seus seios. Procuro no bolso de trás das calças de ganga e puxo o objeto de metal pesado, do tamanho da palma da minha mão, passando o polegar pelos seus sulcos. Sei perfeitamente que é uma navalha, mas pergunto na mesma:

— O que é isto?

Porque não é meu, com toda a certeza.

O que ela faz a seguir acontece depressa demais para que eu o consiga evitar. Envolva a camisola na mão como se fosse uma luva e arranca-me a navalha.

— Se alguém vier perguntar, tu nunca me viste. — Ela ergue a sobancelha, esperando que eu concorde.

Não estou com paciência para esta merda. É quase cómica a rapidez com que esta noite continua a piorar. Mas não me estou a rir.

— Ou o quê? — respondo à letra, bem ciente de que acabei de deixar as minhas impressões digitais por todo o lado naquela que só posso concluir ser a arma que lixou alguém esta noite. A questão é: Até que ponto? Terá sido ameaça? Agressão? Homicídio?

A navalha era pesada quando lhe peguei. Devia ter-lhe sentido o peso quando ela a meteu no meu bolso. Caí que nem um patinho no seu jogo e acabei de me tornar o álibi perfeito.

Ela dá um passo atrás, afastando-se de mim, mas não é longe nem depressa o suficiente.

Para azar dela, passei muitos anos a lutar com os meus irmãos. Isso, somado ao facto de aliviar o stress através de treinos de combate, aperfeiçoou os meus reflexos. Basta um passo e meio para a alcançar novamente, e apenas alguns segundos para a agarrar pela cintura e puxá-la contra o meu corpo. Um suspiro escapa-lhe da boca quando o seu peito colide com o meu. Um movimento em que devia ter pensado bem porque, num abrir e fechar de olhos, esqueço-me do que estou a fazer. Esqueço a razão de estar fora de casa a estas horas e o porquê de estar furioso com o facto de a minha vida parecer algo que já não reconheço. Olho fixamente para esta

quase desconhecida pressionada contra mim e solto um suspiro profundo. O peito dela arqueja, movendo-se tão depressa quanto o meu.

— Não lido bem com pessoas a ameaçarem-me — digo, com a voz baixa, falando a escassos centímetros do rosto dela.

Ela inclina-se mais, olhando para a minha boca de uma forma que me faz sustar a respiração. Num instante, os seus lábios estão colados aos meus. Não estou à espera. Mas não recuo; abro-os para ela. A língua roça na minha, provocadora, e ela deixa-se pender contra mim. Durante uma fração de minuto, esqueço tudo o resto enquanto retribuo o beijo. Tudo. Perdido na imprevisibilidade, deixo que tudo o que está errado nesta situação se aproxime e se instale à nossa volta como nevoeiro.

O estouro alto de um trovão ecoa ao longe e, como um sinal de partida, ela empurra-me e cambaleia para trás, como se não tivesse sido ela a tomar a iniciativa. Os seus dedos sobem aos lábios, como se fosse encontrar as marcas que os meus deixaram.

A Faye olha para a mão direita, ainda envolta na camisola e apertada em torno da navalha que eu, estupidamente, segurei.

— Tu nunca me viste. — O relâmpago ilumina o horizonte em clarões breves. Um aviso. A tempestade não vem a caminho, já aqui está. A pairar sobre nós. — Tu nunca me viste — repete ela. — Enquanto essa for a tua história, isto nunca precisará de ser encontrado. — Levanta a navalha.

Reprimo qualquer atração que possa ter surgido. A raiva que corria pelas minhas veias vem à tona quando dou um passo em frente, alcançando-a num instante e fechando a mão em torno do seu pescoço, com firmeza. Se ela quer jogar, então vamos jogar. Mas, agora, quem dita as regras sou eu.

Ela luta para manter a confiança intacta. Não quero saber os pormenores do que ela fez antes de eu aparecer. Não tenho interesse em adivinhar o que ela poderá ter passado para se encontrar nesta posição, ou se é apenas algum tipo de sociopata perturbada. Só me importo com uma coisa: a minha família. Pelo menos, com o que resta dela.

À medida que ela tenta afastar os meus dedos do pescoço, apertado com mais força. Gotas de chuva começam a cair, como que para acentuar o momento.

— Não quero nada daquilo em que estás metida perto da *minha* família. — Por isso, faço uma exigência: — Sai da cidade. E não voltes.

Os olhos dela, arregalados, procuram os meus enquanto luta para conseguir falar.

— Não posso simplesmente sa...

Um trovão ruge acima de nós.

Cerro os dentes e volto a apertar os dedos, deliciando-me com a sensação da sua pulsação acelerada. A prova de que já está suficientemente assustada para me levar a sério.

— Podes e vais. Ou farei com que todos os polícias que conheço nesta cidade comecem a fazer perguntas. O meu irmão pode ter deixado a Polícia de Fiasco, mas era da unidade cinotécnica. Ele e o seu cão ainda sabem como encontrar coisas, sobretudo se souberem onde procurar. Queres que eles comecem a procurar?

Uma lágrima escorre-lhe pela face e perde-se na chuva que nos encharca no momento seguinte. A gravidade da minha ameaça ecoa-lhe na mente enquanto observo as suas sobrancelhas franzirem-se.

— Larga-me, Foxx — diz ela com o maxilar cerrado, os dedos a puxarem os meus para que a solte.

Olho-a fixamente.

— As pessoas partem do princípio de que sou o bonzinho. O homem de família. Mas sou muito bom a deixar as pessoas acreditarem no que eu quero. — Inclino-me e sussurro, apenas alto o suficiente para abafar o som do vento que chicoteia as fileiras de milho, vergando a estrutura que mal se aguenta de pé atrás de nós. — Por isso, acredita quando te digo isto... não gosto que brinquem comigo. Não quero que tu nem o que quer que tenhas acabado de fazer voltem para me assombrar. Por isso, vais-te embora.

E eu guardarei o teu segredo. Nunca te vi. Não te conheço nem quero conhecer. Fui claro?

— Como água — rosna ela, soltando-se do meu aperto com um puxão.

Vejo-a afastar-se e passo as mãos pelo cabelo. Engulo o nó que se forma na garganta enquanto a minha mente regressa de súbito ao motivo que me fez fugir mais cedo. O sono não virá facilmente, já sei, à medida que o peso da realidade se instala nos meus ombros. A chuva fustiga-me o rosto no caminho de volta para casa. O telheiro na parte de trás da casa manterá a água seca por agora. Enquanto a prendo, para retirar a sela e encher o alguidar do jardim com água fresca, a minha mente continua a reproduzir tudo o que acabou de acontecer. Este dia tem de acabar, e amanhã estarei a pensar com mais clareza. Olho para a porta das traseiras. Eu e a Olivia podemos falar de manhã sobre o que se segue. Subo os degraus com passos pesados, respirando fundo para me acalmar.

O meu estômago dá voltas quando reparo que as luzes da cozinha ainda estão acesas. *Merda*. Não quero ver a minha mulher.

Mas, ao atravessar o limiar da porta, o cheiro pungente e azedo do vinho da Liv e, logo depois, o estalar sob a minha bota de um vidro estilhaçado fazem-me parar. Essas são as duas últimas coisas que a minha mente regista antes de ver as pernas dela estendidas no chão de madeira.

— Liv? Liv! — grito, correndo para o corpo prostrado, com o coração na boca. Com o vinho entornado à sua volta, escorrego e os meus joelhos batem na madeira dura. Ela não se mexe. Olho em volta, como se algo me fosse dizer que merda é que se está a passar.

Não há sangue. Nenhum sinal de uma arma. Nem de comprimidos ou frascos. Algo a fez cair.

Levanto-lhe os ombros e puxo o corpo dela para o meu.

— Livvy, vá lá. — Os seus membros longos estão inertes e a cabeça pende para a direita. Afastando-lhe do rosto as madeixas de cabelo encharcadas em vinho, falo com a voz trémula. — Livvy. Vá lá, fala comigo.

Tenho a cara molhada e o nariz entupido, por isso só consigo respirar pela boca enquanto chamo uma ambulância. As lágrimas

turvam-me a visão ao focar-me nela. Tem os olhos abertos. Olham fixamente para o vazio, desprovidos de qualquer reconhecimento ou movimento. Não pestaneja. Não está a olhar para mim, nem a ouvir nada do que lhe estou a dizer. *Está tão pesada agora.*

Inspirando profundamente, tento encher os pulmões de ar para poder continuar a pedir-lhe que acorde.

— Fala comigo, Liv. Não faças isto. — Com as mãos a tremer, procuro o pulso. Tonto de pânico, tateio-lhe o pescoço, mas não há nada. Nem um batimento. *Isto não está a acontecer.* — Liv, vá lá. Não as podes deixar. Nós vamos resolver isto. Não as podes deixar...

CINCO ANOS DEPOIS...

2

FAYE

Cor-de-rosa é sem dúvida a minha cor. Junte-se a isso a renda cintilante, a peruca preta, o *eyeliner* felino exagerado, o batom vermelho intenso, e eu sou a fantasia. A distração. Um espetáculo. E estou ansiosa por dar um grande espetáculo esta noite. Toda a gente adora uma *pinup* glamorosa ao estilo Gatsby nesta altura do ano. O público desta noite está mais animado do que o habitual, mas isso é de esperar num espetáculo burlesco de passagem de ano. Todas as pessoas, das mais recatadas às mais libertinas, estão aqui para se divertir.

O Gin Fizz apresenta um espetáculo burlesco ao estilo cabaré. O programa inclui jantar, cocktails e muita provocação. E embora as leis de restrição ao consumo de álcool em Nashville tenham sido rigorosamente aplicadas nos últimos anos, continua a ser uma saída noturna sensual. Os adesivos para os mamilos são obrigatórios, a parte de baixo dos seios tem de estar coberta e aquela curva perfeita onde o meu rabo se une à coxa só pode aparecer «por acidente».

Profundo e calmo, o ritmo da bateria começa, ganhando intensidade no momento em que o trompete entra. Uma pausa antes de se acalmar. Os sons melancólicos e provocantes do saxofone e do trompete prendem a atenção de todos. Gosto de músicas como esta. Deixam o público ansioso por mais.

Inclino o queixo e sorrio de forma sedutora para a primeira fila. O homem mais corpulento, de calças de fato azul-marinho e

camisa branca, está a usar um disfarce tanto quanto eu. A fachada de alguém que está aqui apenas para ser entretido, mas que tem muito a esconder. A sua queixada quadrada e a simetria do rosto tornam-no agradável à vista, mas não há nada de memorável nas suas feições. Se tivesse de adivinhar, diria que está na casa dos 50, mas eu já sei a sua idade. A data de nascimento situa-o nos 49. É Gémeos. Gosta de um shot de sumo de limão e curcuma para começar o dia e de um copo de conhaque para o terminar. A maioria das pessoas não saberia nada disto apenas com alguns olhares, mas eu não sou a maioria das pessoas. E, pelos vistos, o Sr. Brock Blackstone também não.

Meses de vigilância e encontros casuais orquestrados trouxeram-no ao Gin Fizz esta noite; um pedido de café errado, o testemunho de uma discussão por causa de uma multa de estacionamento e a minha encenação favorita de «donzela em apuros», o «estou tão perdida, sabe onde posso encontrar...». Tudo isto fez com que ele passasse a vir aqui como cliente habitual. Depois, pediu o meu número e começou a tornar-se cada vez mais ousado nos seus «pedidos». E esta noite, na passagem de ano, o Blackstone sorri para mim como se eu fosse a pessoa que ele vai beijar à meia-noite. Está demasiado ansioso, e é exatamente assim que o quero. Será uma coincidência incrível quando eu estiver a atuar na mesma cidade da sua próxima viagem de negócios.

Aceito trabalhos que me parecem certos. Desde dar uma mãozinha à polícia local até ajudar uma mulher a apanhar o marido numa mentira ou na cama de outra pessoa. Ser investigadora privada significa aprofundar e investigar. Concentrar-me nos detalhes que não se encaixam. Fazer perguntas e tentar encontrar as inconsistências nas respostas. De vez em quando, sou chamada para um caso com mais substância.

O Blackstone é complexo e eu tenho explorado todas as frentes, desde operações secretas até interações e tecnologias que facilitam o trabalho. É um orçamento avultado, mas quando o FBI quer apanhar alguém, as formas de o conseguir são infinitas.

O jogo da sedução torna as pessoas vulneráveis. Tem o poder de as deixar de cabeça perdida e pode ser uma espécie de euforia que ultrapassa em muito a que se encontra numa garrafa ou num comprimido. Embora eu sorria para todos na primeira fila, será o Sr. Blackstone a receber a minha atenção especial. Porque ele continua a voltar pela euforia que eu lhe proporciono.

O refrão começa e eu viro-me lentamente ao ritmo das outras quatro dançarinas; o *bump and grind* é o movimento mais fácil de dominar. Se for feito corretamente e se acrescentarmos alguns adereços com algum contacto visual, seremos inesquecíveis.

Desabotoo o espartilho, um colchete de cada vez, até que ele se solte e eu fique apenas com uns calções de cetim de corte alto e um sutiã *balconette* de lantejoulas. Sinto-me mais do que à vontade nua; um interruptor que se ligou quando me dediquei ao burlesco. Uma confiança como nunca conheci paira à minha volta como uma aura. Há algo na provocação que deixa as pessoas ofegantes e mais despertadas. A falar mais e a soltarem-se. E gosto do poder que isso tem. É-me muito útil.

O público assobia e grita perante o despir da renda e do cetim. Três de nós as cinco ainda estão cobertas, mas duas usam um sutiã sem copas e nada mais do que a letra X em fita preta sobre cada mamilo. O nosso anfitrião da noite diz:

— Parece que o X marca o local esta noite. Quem está pronto para uma caça ao tesouro?

Enrolo a minha boá de penas no pescoço do Blackstone, passando a minha perna por cima do ombro dele. A parte de trás do meu joelho apoia-se ali, enquanto a minha coxa descansa sobre o seu peito.

— Olá, de novo — digo numa voz baixa e tímida.

O burlesco deve ser exagerado e, por vezes, cómico, mas sempre sexy. O holofote ainda não chegou a mim, o que faz deste o momento perfeito para pôr um plano em marcha.

— Olá — responde ele lentamente, confiando demasiado no que acredita ser um charme sulista cativante. Pelo canto do olho, o colega

dele sorri e recosta-se, analisando-me. Um calafrio percorre-me a espinha enquanto ele observa, e o Blackstone desliza a mão mais alto do que qualquer pessoa respeitável normalmente ousaria fazer.

— Estou tão contente por teres vindo esta noite. — Finjo e esboço um amplo sorriso enquanto me inclino mais para perto. — É o meu último espetáculo aqui, por uns tempos. — Levanto a perna novamente e viro-me com um meneio, sentando-me no seu colo. — Se estás a planear fazer a rota do bourbon no próximo mês, estarei pelo Kentucky.

Ele olha-me fixamente, a sua mão demorando-se na minha coxa e o dedo indicador desenhando um pequeno círculo logo acima da meia, onde a liga prende. Se isto não fosse uma atuação, e se eu não estivesse a representar um papel, um homem como este nunca chegaria perto o suficiente para me tocar, quanto mais demorar-se assim. Mas em palco e sob as luzes, sou a Rosie Gold. E esta noite, a Rosie Gold precisa que o Blackstone preste atenção, para que saiba para onde ela vai a seguir.

Quando o holofote se vira para mim, curvo-me com um movimento sensual, alongando as linhas do meu corpo e sem quebrar o contacto visual, até o meu pescoço se inclinar o suficiente para trás. Se mantiver os olhos em mim, o Blackstone terá uma vista e tanto do meu corpo. É com isso que conto. Estendo as mãos para o chão e apoio-as, arqueando-me numa lenta e suave cambalhota para trás.

Este é o único momento num trabalho em que não tenho nenhum tipo de arma escondida comigo.

Acompanhando a batida, cada bailarina puxa os disparadores de confetes presos às coxas e aciona-os no momento em que o baterista atinge o primeiro prato. O público vai ao rubro, tal como planeado. Assobios altos, palmas e gritos de excitação ecoam mal a música termina. As franjas balançam ao ritmo dos aplausos, enquanto o anfitrião anuncia cada um dos nossos nomes artísticos sucessivamente.

— Vamos dar a estas belas mulheres uma última salva de palmas. E um aplauso especial para a Rosie Gold, que estará em Fiasco para uma residência no Midnight Proof.

Sorrio e aceno para a plateia. E é *assim* que se termina uma noite.

O DJ assume o comando enquanto me apresso de volta para o camarim para me mudar. Não tenho intenção de me encontrar com o Blackstone depois do espetáculo. Até chegar a Fiasco, preciso que ele fique com fome de mais alguma coisa. Exalo lentamente, tentando não pensar demasiado no assunto. *Fiasco*, um lugar que fiz tudo por deixar para trás.

«*Sai da cidade e não voltes.*»

Apenas vinte minutos após a minha atuação, estou a entrar no meu apartamento. E embora não seja tecnicamente meu, é conveniente. O estúdio de quarenta e seis metros quadrados é pequeno, mas a renda é aceitável para este bairro de Nashville. Não gosto de ficar presa em nenhuma cidade por muito tempo, por isso o subarrendamento serve-me perfeitamente. Parece irresponsável criar raízes. O único lugar que alguma vez considere um lar já não o é há pouco mais de cinco anos.

Quando nos mudámos para Fiasco, no Kentucky, pareceu-nos que tínhamos trocado o gado por milho e cavalos. Tudo parecia um retrocesso em relação à vida no Wyoming quando chegámos. Mas a minha mãe herdou a quinta numa fase da vida em que percebeu que lhe vinha a calhar um recomeço.

Os meus olhos turvam-se com lágrimas quando penso nela e em todas as coisas que gostaria de lhe ter dito.

Ela era cavaleira de corridas de barril e depois treinadora de cavalos, acompanhando o circuito de *rodeos* até ficar grávida. Quando se tem 22 anos e o mundo inteiro pela frente, engravidar não é motivo de preocupação. Até passar a ser. Ela não tinha ninguém que a reclamasse como sua, nem a mim, por isso recomeçou noutro lugar. Dessa vez, o seu recomeço levou-a ao Wyoming, onde conheceu o pai da minha irmã. Ele deu um anel à minha mãe e disse-me que lhe chamasse «pai». Fomos felizes lá por algum tempo. Só que ele já tinha isso com outra mulher no condado vizinho. Uma esposa e mais dois miúdos que também lhe chamavam «pai».

Ela nunca teve grandes instintos em relação aos homens por quem se apaixonava.

Afastando as memórias, o meu telemóvel vibra.

BLACKSTONE: Para onde é que fugiste, Rosie?

Sei o que ele quer; os homens não são assim tão difíceis de decifrar. Em vez de enviar uma resposta escrita, pesquiso as imagens na minha pasta guardada para esta situação específica. Escolho uma que tirei no provador de uma grande superfície. Experimentar *lingerie* para os meus figurinos foi a altura perfeita para tirar umas fotos para este cenário exato. Nesse dia, não estava a usar a peruca preta, por isso corto a imagem, começando nos lábios e terminando-a logo abaixo da cintura. Estou com um sorriso radiante e a mostrar bastante decote. *Perfeito*.

Pouso o telemóvel e avalio o que ainda falta fazer. A maior parte das minhas coisas já está embalada. Tornei-me boa a criar um guarda-roupa cápsula para cada estação, limitando a roupa, porque nunca fico em lado nenhum por muito tempo. Gosto de eficiência no que toca à minha vida, é algo que posso controlar e simplificar. O meu equipamento de vigilância, assim como os meus figurinos e acessórios de burlesco, está sempre guardado na caixa fechada da minha carrinha. Atiro a maquilhagem e as joias para dentro do último saco.

Olhando em volta, é difícil não estar dolorosamente consciente de como foi fácil empacotar a minha vida. Menos de um par de horas e parece que nunca estive aqui. O vibrar do telemóvel puxa-me de novo para fora dos meus pensamentos. A solidão tem essa piada; atinge-nos nos momentos mais estranhos. Principalmente quando estou sozinha, mas rodeada de pessoas que não me conhecem, ou em momentos como este, quando estou pronta para partir e percebo que não deixei uma única marca memorável enquanto aqui estive. A vibração caótica do telemóvel continua. É uma chamada, não uma mensagem.

Sorrio ao atender. O Del seria uma das poucas pessoas que ficariam felizes por me ver de volta a Fiasco.

— Del, numa escala de um a dez, quão lixada vai ficar a Marla quando me vir?

Ele solta uma risada curta.

— Como estás, miúda?

— Estou bem — respondo, lançando um olhar ao relógio do micro-ondas. — É tarde, está tudo bem?

A pausa prolongada apaga-me o sorriso.

— Ah... Faye, não há uma boa maneira de te dizer isto, mas tens de vir para casa.

Salto para cima da pequena bancada da cozinha.

— Estarei aí como planeado...

Facto de que ele já tem conhecimento, uma vez que foi a sua ligação com o FBI que me puxou para este caso do Blackstone.

— A Maggie foi detida. — Antes que eu consiga perguntar que raio é que a minha irmã fez desta vez, ele acrescenta: — Bateram-lhe com bastante violência.

— O quê? — Escorrego da bancada. — Quem foi? — A culpa e a raiva giram no meu peito enquanto me encolho a ouvir.

— Desta vez, foi apanhada por «embriaguez e perturbação da ordem pública». Mas não tem bom aspeto. Não diz quem lhe fez aquilo. — Ele suspira ruidosamente. — Recusou assistência médica e acabou por desmaiar.

— Ela anda a sair com alguém? — Engulo a secura na garganta. — Alguém que possa ter feito isso?

— Acho que não. Pelo menos, ninguém que ela tivesse apresentado. Mas tu conheces a peça. Ela não é muito de dar pormenores.

Na verdade, não conheço. A verdade é que já não conheço a minha irmã. Tal como ela não me conhece a mim. E ambas nos ressentimos por isso. Quando saí de Fiasco, a explicação que lhe dei foi, na melhor das hipóteses, fraca. A minha mãe disse-me para fazer o que tivesse de fazer. Sabia do que eu tinha abdicado. O que eu tinha feito. Mas a Maggie, não.

Ela não vai ficar feliz por me ver. Mal falou comigo no funeral da nossa mãe, e isso foi há quase três anos. Mas estar de volta a Fiasco não tem que ver com a Maggie, nem comigo ou os nossos sentimentos. E também não é para curar velhas feridas ou recordar o passado.

Olho em volta para a sala quase vazia.

— Se me meter à estrada daqui a pouco, chego aí de manhã. — Mordo o lábio, ainda mais ansiosa agora. — Obrigada pelo aviso, Del.

— Até breve, miúda — diz ele, parecendo aliviado.

Sinto tudo menos alívio. Estamos a apostar tudo com o meu regresso a Fiasco, e tanto eu como o Del o sabemos. Vou ficar lá tempo suficiente para me cruzar com pessoas. Para que os mexericos comecem a circular. Para o ver a *ele* outra vez. Sacudo o nervosismo. Preciso de manter o foco. Não vou permitir que uma mudança de planos fragilize a confiança que tenho em quem me tornei ou no que construí. Vou lá para um trabalho e, assim que esse trabalho estiver concluído, sigo para outro lugar.

VALERÁ A PENA QUEBRAR TODAS AS REGRAS POR AMOR?

Há cinco anos, Lincoln Foxx viu a mulher morrer em circunstâncias estranhas, numa noite que ficou também marcada por um encontro fortuito com Faye Calloway, que guardava consigo um pesado segredo que a obrigou a abandonar a cidade.

Agora, a vida de Lincoln gira em torno das suas duas filhas e da produção de um bourbon de excelência, mas essa rotina é perturbada pelo regresso de Faye, que, sob o disfarce de uma dançarina de burlesco, regressa a Fiasco como investigadora privada em colaboração com o FBI.

Por detrás da sua imagem provocante existe uma mulher determinada e com uma missão perigosa, mas enquanto a atenção dos habitantes locais se foca nas atuações da bela dançarina, Lincoln apercebe-se de que ela continua a esconder segredos, talvez até maiores do que aquele que foi obrigado a guardar naquela noite fatídica.

E entre os segredos que escondem e a química que os une, os dois terão de decidir até onde estarão dispostos a ir.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
penguinlivros

ISBN: 978-989-596-212-9



9 789895 962129